

Taubaté, 19,8,1905

Godofredo:

Criatura perversa! Sabes os fins miserandos que andam tendo os Macucos e ainda açulas o Torres a escrever novelas. Esse Torres é meu conhecido de nome e façanhas de amor; mas que faz versos e tem “uma Canaã de sonhos literarios”, é coisa nova para mim\_ e incompreensível. Gostei muito do preciosismo dele, mixto de Raul e Andreolino. A “vara de *vime* dos criticos” (por que vime, meu Deus?), “meu futuro literario”, “burilo versos”... Que amor!

Gostei do teu tédio post-flaubertiano. É prova de mais um encontro nosso. A canseira que o excessivo trabalhado do estilo dava a Flaubert penetra tambem o leitor. Cansaço por indução. Para mim é como se assistisse a uma opera em teatro de vidro, onde os cenarios e as paredes transparentes deixassem ver toda a maquinaria oculta. Um anjo passa voando na apoteose final e toda a beleza do vôo lá se vai porque o espectador está vendo os arames de suspensão. O trabalhado de Flaubert transparece em toda a sua obra\_ ou é sugestão minha por saber que ele trabalhava demais as frases? Às vezes gastava todo um dia com uma delas, a esguela-la em todos os tons. Diz Faguet que Renan dissimula de tal modo a tecnica de construir frases que deixa a ilusão de não ter nenhuma\_ e está aí um dos maiores encantos de Renan o Dissimulado. Ainda ontem vi com um rapaz daqui um horroroso relógio de mostrador transparente, com toda a engrenagem\_ toda a barrigada\_ visível. Flaubert é assim. Imagine uma moça belíssima, mas de carnes diafanos, com as tripas, os bofes, o coração e todas essas coisas vermelhas aparecendo... E Flaubert ainda é, como dizes, “secante”. O pai foi medico e os avós tambem. O filho herdou a furia de escarpelar. Aquilo dele pegar e dissecar tipos incarcateristicos como a Bovary, Homard, etc., acaba secando a gente. Eu gosto dum Tartarin, dum Besoukov, dum Lantier, dum Ega.

A observação sobre os teus adjetivos pode ser generalizada. Apliquei-a aos teus porque me veio enquanto te lia. Nos grandes mestres o adjetivo é escasso e sobrio\_ vai abundando progressivamente á proporção que descemos a escala dos valores. Um jornalistaquinho municipal, coitado, usa mais adjetivos no estilo do que Pilogenio na caspa.

Eles pingam adjetivos. Contei os adjetivos em Montaigne, Renan e Gorki. Sobrios. Shakespeare, quando quer pintar um cenario (um maravilhoso cenario Shakespiriano!), diz, seco: “Uma rua”. O Macuco diria: “Uma rua estreita, clara, poeirenta, movimentada, etc”. O Macuco espalhou mais adjetivos pelo Belenzinho do que gonococus\_ e nunca houve uma espingarda que o abatesse!...

Tolstoi só usa o adjetivo quando incisivamente qualifica ou determina o substantivo. Tenho que o maior

mal da nossa literatura é o “avança” do adjetivo. Mal surge um pobre substantivo na frase, vinte adjetivos lançam-se sobre ele e ficam “encostados”, como os encostados das repartições publicas. A moda de hoje é o adjetivo eciano. Aquele “cigarro languido” do Eça fez mais mal á nossa literatura do que a filoxera aos vinhedos da Champagne.

Isto me veio ao ler em teu *Diario* a “marcha” sobre o lampião da sala. Se expulsasses dali todos os adjetivos encostados, aquilo ganharia oitenta por cento.

Lino manda-me um cartão. Diz: “Amo loucamente, faço discursos admiraveis, publico artigos sensacionais. Sou indubitavelmente uma gloria academica e incontestavelmente um reprovado no fim do ano”. Ricardo estuda. Irei a S. Paulo para ve-los, logo que chova. O pó da Central!

Aqui está rugindo a festa do Tremembé.

LOBATO